

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Daniele de Freitas dos Santos

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO RADIOJORNALISMO
ESPORTIVO DE PASSO FUNDO

Passo Fundo

2013

Daniele de Freitas dos Santos

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO RADIOJORNALISMO
ESPORTIVO DE PASSO FUNDO

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do professor Fábio Rockenbach.

Passo Fundo

2013

Dedico o presente trabalho àqueles que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio irrestrito desde o dia em que descobri que o jornalismo havia me escolhido: minha família. À minha mãe, Sandra, meu pai, Rogério, e meu irmão, Rodrigo, que, com tanta paciência e dedicação, permitiram que esse sonho se tornasse realidade. Da mesma forma, a dedicatória se estende aos que me incentivaram na minha escolha profissional, mas que o destino quis que partissem antes de eu receber o grau de bacharel em Jornalismo. Com carinho, à minha tia Arlete Pizzi, ao meu avô Francisco Alceu Kullmann de Freitas, ao mestre João Carlos Tiburski – o jacaré - e ao exemplo de pessoa e profissional Cristiano dos Santos.

Agradeço, primeiramente, a Deus, que, acredito, sempre escreve certo por linhas tortas. Um agradecimento mais do que especial à minha família, que sempre foi a base para toda e qualquer conquista na minha vida pessoal e profissional. Muito obrigada aos amigos e colegas de faculdade, que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e são, igualmente, parte desta conquista. Muito obrigada, também, aos mestres que construíram a minha formação, especialmente à paciência e à atenção do professor Fábio Rockenbach durante a orientação da monografia. Agradeço, ainda, a todos os entrevistados que se dispuseram a compartilhar suas experiências e impressões para a construção desta pesquisa e à rádio Planalto, de Passo Fundo, pela oportunidade de atuação no radiojornalismo esportivo – embrião para o desenvolvimento deste trabalho. Indispensável o meu mais sincero “muito obrigada” à minha tia Arlete Pizzi, que sempre ofereceu todo o suporte e o incentivo para que essa realização profissional fosse possível.

RESUMO

As primeiras ondas sonoras da cidade chegaram com a Rádio Passo Fundo, em 1946. De lá para cá, diversas emissoras surgiram e se consolidaram na transmissão esportiva, mas em nenhuma delas a equipe da editoria tinha a participação de uma mulher. Através dessa pesquisa, buscou-se contextualizar o surgimento do rádio e do futebol no Brasil, como se deram as primeiras irradiações esportivas, a inserção feminina nessa editoria e, posteriormente, a contextualização para a realidade local. A partir de uma metodologia exploratória, foram aplicados questionários com profissionais que atuaram e ainda atuam no rádio esportivo passo-fundense para compreender o histórico das emissoras na cidade e analisar os fatores que norteiam a ausência feminina nas equipes.

Palavras-chaves: Rádio, Esporte, Futebol, Mulheres, Transmissão, Passo Fundo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Gráfico de justificativas sobre a ausência feminina.....	31
Imagem 2 - Gráfico sobre a existência de preconceito.....	34
Imagem 3 - Gráfico sobre qualificação profissional.....	37
Imagem 4 - Gráfico sobre receptividade do público.....	42
Imagem 5 – Gráfico sobre credibilidade da mulher.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A EMOÇÃO SONORA: COMO O FUTEBOL CAIU NAS GRAÇAS DO RÁDIO BRASILEIRO.....	9
1.1. Rádio e Futebol: Consolidação Conjunta.....	10
1.2. Primeira Transmissão Esportiva no Rádio Brasileiro: Os Desafios de Linguagem e Aperfeiçoamento Técnico.....	13
1.3. Salto Alto no Gramado: A Participação das Mulheres no Rádio Esportivo.....	16
1.4. O rádio em Passo Fundo.....	20
2. METODOLOGIA.....	22
2.1. Critérios para a Escolha dos Entrevistados.....	23
2.2. Formulação do Questionário.....	24
2.3. Procedimento para a Coleta de Dados.....	26
2.4. Utilização das Informações Coletadas.....	26
2.5. Indicadores Semânticos.....	27
3. A AUSÊNCIA DE MULHERES NO RÁDIO ESPORTIVO PASSO-FUNDENSE.....	28
3.1. A Falta de Interesse e de Iniciativa Feminina em Atuar na Editoria Esportiva.....	28
3.2. O Preconceito com as Mulheres e a Falta de Oportunidade.....	31
3.3. Qualificação Profissional e Preparação Técnica.....	35
3.4. Uma Mulher na Equipe: O que Muda?.....	37
3.5. Receptividade do Público e Credibilidade da Informação.....	39
3.6. Análise Complementar.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
ANEXOS.....	51
ANEXO A - Questionário aplicado aos profissionais que atuaram ou atuam no rádio esportivo em Passo Fundo.....	51
ANEXO B - Questionário aplicado às profissionais que atuam no rádio esportivo na capital.....	53

INTRODUÇÃO

Há 67 anos, o rádio chegava à cidade de Passo Fundo através da extinta Rádio Passo Fundo. De acordo com o site Memorial Landell de Moura¹, “até 1946, em Passo Fundo-RS, ouviam-se emissoras de rádio de outros lugares, principalmente de Porto Alegre e Rio de Janeiro, comumente com bastante dificuldade”. Em quase sete décadas de história, as transmissões esportivas se consolidaram na grade de programação das emissoras locais, sendo, até os dias de hoje, grandes responsáveis pela arrecadação financeira – por meio de anúncios e patrocínios - e pelos maiores índices de audiência.

Com a profissionalização do meio ao longo dos anos, nomes se consagraram no radiojornalismo esportivo da cidade. Foram narradores, comentaristas e repórteres, responsáveis por registrar a história do futebol passo-fundense. No entanto, um detalhe chama a atenção: todos esses nomes integravam o gênero masculino. Até 2013, as mulheres não participaram das equipes esportivas das emissoras locais. O detalhe chama a atenção, principalmente, porque nos últimos anos o Rio Grande do Sul registrou um crescimento na atuação feminina nessa área. Um dos reflexos dessa mudança foi a criação das salas de imprensa – em tempos anteriores, os repórteres faziam as entrevistas direto nos vestiários.

Diante desse fato, esta pesquisa, desenvolvida no curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação (FAC) da Universidade de Passo Fundo (UPF) pretende descobrir quais foram os fatores que impediram a presença das mulheres nas cabines e nos gramados nas últimas décadas e quais são as justificativas para a ausência feminina em Passo Fundo. Além disso, será preciso compreender o processo de consolidação do rádio na cidade.

Para elucidar esse problema, serão entrevistados profissionais que atuaram ou ainda atuam no radiojornalismo esportivo em Passo Fundo. A partir do depoimento dos homens que participaram das irradiações, pode-se ter um panorama sobre a situação local e comprovar ou

¹ Memorial Landell de Moura: www.memoriallandelldemoura.com.br/radiod_o_radio_no_rs_passo_fundo.html

não as hipóteses trabalhadas no questionário: preconceito, falta de oportunidade, falta de iniciativa ou falta de qualificação profissional. Além disso, para reforçar a pesquisa, uma mulher que integra a equipe esportiva do rádio em um grande centro também será ouvida.

Primeiramente, a pesquisa apresentará uma revisão da literatura existente sobre o jornalismo esportivo, direcionada para a consolidação das transmissões esportivas no rádio. Depois dessa contextualização, é imprescindível destacar como as mulheres passaram a se integrar às coberturas radiofônicas. No segundo capítulo, será detalhada a metodologia utilizada para atender aos objetivos propostos. Para finalizar, a análise dos resultados e dos dados obtidos a partir das entrevistas realizadas será apresentada com referência em indicadores semânticos e com a utilização de gráficos para representação dos índices.

1 - A EMOÇÃO SONORA: COMO O FUTEBOL CAIU NAS GRAÇAS DO RÁDIO BRASILEIRO

Início da década de 30 no Brasil. O rádio e o futebol despontavam com um propósito em comum: através da popularização, descaracterizá-los do elitismo inicial que marcou as entradas do veículo de comunicação e do esporte no país. Para compreender esse processo, a pesquisa baseia-se, nesse primeiro capítulo, na publicação *A bola no ar*, de Edileuza Soares (1994). Segundo a autora, o rádio e o futebol começaram a se envolver nos anos 30, culminando na primeira irradiação esportiva da história do rádio brasileiro, protagonizada em 1931, pelo jovem Nicolau Tuma. Em um contexto no qual a tecnologia ainda deixava a desejar e não se tinha certeza sobre aceitação do esporte no país, o radiojornalismo esportivo apresentava uma das poucas editorias que se manteria na grade de programação das emissoras, mesmo décadas após sua criação.

Na consolidação do rádio, de acordo com Soares (1994), as transmissões esportivas tiveram um papel fundamental: conquistaram audiência – uma das principais demandas do meio, especialmente, com a permissão do uso de publicidade no rádio em 1932 -, obrigaram as emissoras ao aperfeiçoamento técnico e os profissionais a buscarem qualificação para atuar nas equipes esportivas. Paralelamente, o esporte trazido ao solo brasileiro por Charles Miller se descaracterizava do elitismo que marcou sua entrada no país e passava a se tornar o esporte do povo.

Com o passar do tempo, o rádio esportivo saiu dos grandes centros – incluindo seu berço no eixo Rio-São Paulo – e se expandiu pelas cidades do interior. As emissoras criaram equipes para as transmissões, que, até pouco tempo, eram compostas exclusivamente por homens. As pioneiras na atividade surgiram, timidamente, a partir da década de 70, nas emissoras das grandes capitais.

Hoje, é possível perceber que a participação das mulheres nas equipes esportivas aumentou nos últimos anos. Contudo, em Passo Fundo, até o final de 2012, nenhuma mulher havia atuado na editoria ou participado de uma transmissão radiofônica de futebol. Para compreender a não inclusão do público feminino do radiojornalismo esportivo local e responder ao problema de pesquisa sobre os fatores que ocasionaram essa ausência é preciso, antes de tudo, olhar para trás e compreender o surgimento e a evolução do rádio.

1.1 Rádio e Futebol: Consolidação Conjunta

De acordo com Soares (1992), a primeira experiência em rádio no Brasil aconteceu em 1922, culminando no surgimento da primeira emissora em 1923. Contudo, enquanto meio de comunicação, o rádio só se consolidaria a partir da década de 1930. Inicialmente, era um veículo destinado à elite da sociedade, o que retardou sua popularização. Esse fenômeno só foi possível após a permissão da veiculação de propagandas no rádio e, principalmente, depois que um esporte adentrou as ondas radiofônicas para torná-las uma comunicação de massa: o futebol.

O esporte brasileiro mais popular chegou ao país trazido por Charles Miller em 1894 e, assim como o rádio, era destinado a um público mais elitizado. Quando Miller retornou à São Paulo, depois de alguns anos estudando na Inglaterra, “trouxe na bagagem duas bolas e equipamentos necessários para a prática do esporte” (SOARES, 1994, p.22). Já em 15 de abril de 1895, duas equipes organizadas no São Paulo Athletic Club protagonizaram a primeira partida de futebol do país, adotando as regras trazidas por Miller.

Segundo Ribeiro (2007), nos anos seguintes, surgiram os primeiros clubes e o interesse das classes populares pelo esporte – especialmente, porque, nessa época, o alto número de imigrantes que chegou ao Brasil já conhecia as regras do futebol. Em 1914, foi criada a Confederação Brasileira de Desportos, responsável por consolidar e unificar o futebol no país. Na mesma década, mais precisamente em 1917, oficializou-se a venda de ingressos para os jogos, a fim de destinar a renda aos departamentos de futebol dos clubes. Aos poucos, o futebol começava a ganhar notoriedade e o interesse dos brasileiros.

Contudo, como explica Ribeiro (2007, p.19), “nas páginas dos principais jornais da capital paulista só havia espaço para notícias sobre críquete, turfe, remo e ciclismo”. Ou seja, o futebol ainda não figurava nos planos de divulgação da imprensa. Para tentar inserir o

esporte no interesse da mídia, Miller passou a organizar treinos e, em um deles, o cronista Celso de Araújo descobriu o esporte. “Sua surpresa com o que viu foi tão grande que decidiu escrever a um amigo do Rio de Janeiro, Alcino Guanabara, outro influente jornalista” (2007, p.20).

Em 1900, cinco equipes organizadas já se integravam ao futebol. A partir daí, passou a se cogitar a organização de campeonatos. Como relata o autor,

Foi nesse momento que Charles Miller conheceu o jornalista que se tornaria nas duas décadas iniciais do século XX a principal figura da imprensa esportiva brasileira: Mário Cardim, um jovem de apenas 18 anos, que trabalhava no jornal *O Estado de S. Paulo*. (RIBEIRO, 2007, p.20)

Em dezembro do mesmo ano, Cardim criou o próprio time: o Paulistano. Ainda em 1900, Miller e Cardim conheceram Antônio Casemiro da Costa, o “Costinha”. O grupo de amigos se reunia no centro de São Paulo para falar sobre futebol. Ribeiro relata em sua publicação que num desses encontros surgiu a proposta de cobrar ingressos para os jogos, impedindo que a periferia se atrevesse a invadir o espaço dos clubes. A partir disso, Cardim propôs a criação da Liga do Futebol Paulista. Ele relatou: “Nossa luta não será fácil. Como todos sabem, o futebol não é assunto obrigatório em nossos jornais [...]” (RIBEIRO, 2007, p.22). Com a manifestação, Cardim confirma a situação dos jornais na época: era difícil publicar uma pauta relacionada ao esporte, especialmente, porque, segundo o autor, os donos dos jornais da época diziam não se interessar pelo futebol.

Já no rádio, o processo foi diferente: o meio precisava do esporte para se consolidar. Como destaca Soares (1992, p.22), “nos anos 30, o rádio e o futebol brasileiros passavam por uma fase semelhante. Ambos tentavam se profissionalizar e se livrar de vez do elitismo que caracterizou sua introdução no país”. Por isso, o radioesportivo foi essencial para auxiliar o futebol a se transformar em um esporte de massa e, conseqüentemente, popularizar o rádio enquanto meio de comunicação.

É importante considerar que o “elitismo” que marcou a introdução do rádio no Brasil não foi por acaso. “Até o início da década de 30, o meio era sustentado por pessoas que tinham condições de se associar às emissoras. Por isso, a sua programação também se aplicava em atender essa pequena parcela da elite” (SOARES, 1994, p.26). Quando o decreto 21.111 autorizou a publicidade no rádio, em 1932, surgiu a necessidade de repensar a grade

de programação, criando gêneros que englobassem o grande público. Nesse contexto, a irradiação esportiva apareceu como uma alternativa para conquistar audiência.

Esse fator foi decisivo para a popularização do rádio – e, conseqüentemente, do esporte – uma vez que, para atingir os grandes públicos, as emissoras se apoiaram no futebol. Segundo Zago (2008), sobrevivendo até hoje, o gênero esportivo apareceu como um novo apelo para a mídia. Nem o surgimento da televisão, que culminou com o fim das radionovelas e programas de auditório, conseguiu extinguir a transmissão esportiva no rádio. Além disso, o apoio financeiro de empresários - que, na época, diante da concorrência, se viram obrigados a investir nesse gênero - foi fundamental para a permanência do esporte no rádio.

Algumas questões precisam ser consideradas para a compreensão da importância do futebol na história do rádio. Primeiramente, o ponto de partida para as transmissões esportivas estava inserido em uma época na qual, segundo Soares (1994), existia um governo centralizador, que restringia a atuação do rádio através de concessões, para inibir tudo que fugisse às orientações oficiais. Em segundo lugar, o meio de comunicação precisava se popularizar para angariar anunciantes. Por último, o futebol, enquanto esporte de massa, carecia de jogos com grandes públicos pagantes para dar suporte aos gastos.

A partir das considerações de Soares (1994), percebe-se que os objetivos do rádio coincidiam com os interesses do futebol. Como lembra Luvisolo (2001), os meios de comunicação têm como objetivo a diversão, o entretenimento e a manifestação das emoções. Com esse argumento, ilustra-se outro motivo para a permanência das transmissões esportivas no rádio: a simbiose entre a comunicação e emoção. Ao permitir a carga de emoção em suas transmissões, o futebol atendia aos objetivos do rádio. Além disso, de acordo com Zago (2008), o rádio esportivo evoluiu mais rápido que as outras editorias justamente devido ao futebol, um segmento que se manteve, inclusive, como carro-chefe na grade de programação das emissoras.

Outro marco importante na história do rádio esportivo foi a primeira transmissão de uma Copa do Mundo. Como conta Ribeiro (2007), mesmo com o franco crescimento, as emissoras optaram por não transmitir a Copa do Mundo de 1934, na Itália. Contudo, na edição seguinte, na Copa da França, o rádio brasileiro estava apto às transmissões, em tempo real, do maior evento esportivo do planeta. Segundo o autor, “a imprensa esportiva estava prestes a descobrir a louca paixão do brasileiro pelo futebol” (2007, p.87)

1.2. Primeira Transmissão Esportiva no Rádio Brasileiro: Os Desafios de Linguagem e Aperfeiçoamento Técnico

Pode-se destacar como pontapé inicial para o processo de desenvolvimento do rádio e do futebol a primeira transmissão esportiva, que narrava detalhadamente e em tempo real os lances do jogo. O pioneirismo na irradiação esportiva data do início dos anos 30. Conforme Edileuza Soares (1994, p.17), “a narração coube ao locutor Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista [...], durante o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol”.

A primeira transmissão foi um marco no rádio brasileiro. Ribeiro (2007) reforça que

Se no início do século XX Charles Miller batalhou para que as notícias do futebol fossem divulgadas pelos jornais paulistanos, Nicolau Tuma, um jovem estudante de Direito, de 20 anos, foi quem convenceu seus patrões da Rádio Educadora Paulista a transmitir na íntegra, pela primeira vez na história do rádio, uma partida de futebol. O jogo escolhido para a transmissão foi entre as equipes de São Paulo e Paraná, válido pelo Campeonato Brasileiro de 1931 (RIBEIRO, 2007, p.75).

O radiojornalismo esportivo no Brasil iniciou no dia 19 de julho de 1931. Soares (1994) ressalta que Nicolau Tuma estava prestes a inaugurar um gênero que se perpetuaria no rádio, mesmo após o advento da televisão. Na época, segundo a autora, não havia cabines de imprensa, nem numeração nos uniformes dos jogadores. Tuma estava sozinho, sem assistência de comentaristas, repórteres ou plantões de estúdio. Instalado junto ao grande público, o locutor precisou improvisar o discurso narrativo e o local de trabalho.

Nesse período, o rádio ainda não possuía uma linguagem definida e/ou específica, tendo como características a experimentação e a improvisação. De acordo com Soares (1994), até então, o noticiário esportivo – única relação entre o meio e o esporte – se resumia à leitura dos resultados ao final dos jogos mais importantes. As informações chegavam por meio de telegramas. Diante disso, ao iniciar-se a transmissão direta das partidas, havia a necessidade de se criar uma linguagem específica para tal.

Em sua obra, Soares (1994) relata ainda que Nicolau Tuma optou por uma descrição completa do que se passava dentro de campo, adotando um estilo realista, sem conotações ou

figuras de linguagem. Quando chegou ao estádio para a primeira irradiação esportiva da história do rádio brasileiro, Tuma não possuía referências - quando entrasse no ar, a linguagem improvisada seria a identidade da cobertura esportiva.

A partir desse ponto, o *speaker* (na época não se usava a palavra locutor) passa a transmitir o movimento da bola entre os jogadores e a descrever todos os lances da partida. Não há comentaristas e nem repórteres para ajudá-lo. Pior: sem publicidade, ainda proibida oficialmente no rádio, o locutor tem de preencher sozinho os 45 minutos de cada tempo. (SOARES, 1994 p.30)

A opção de Nicolau Tuma foi por uma narração rápida e rica em detalhes. Em sua publicação, Soares (1994) descreve que o locutor entendia que, se pausasse a fala, o ouvinte mudaria de estação. Por esse motivo, Tuma ficou conhecido como o *speaker metralhadora*, sendo que, em 1983, foi considerado o locutor mais veloz em sua técnica, baseado no número de palavras que dizia por minuto. Até as transmissões atuais, o estilo do *speaker* segue como referência.

Dentre o estilo de narração criado por Nicolau Tuma, uma característica não se alterou com o passar do tempo no que tange a atuação do rádio no esporte: a emoção. Para Luvisolo (2011), a emoção, em sua forma e conteúdo, foi responsável por dominar o jornalismo esportivo, desde a fotografia e o radialismo. A ideia também é compartilhada por Unzelte (2009), ao dizer que, antes de qualquer outra coisa, o rádio é uma paixão, tanto quanto o jornalismo ou mesmo o próprio futebol. Essa particularidade do meio indicava um grande desafio para descrever o que acontecia dentro das quatro linhas, até mesmo porque, conforme Rangel (2006), “a emoção é a própria alma do esporte”.

Com esse desenvolvimento do rádio, surgiu a necessidade de aperfeiçoamento dos profissionais. “A cobertura dos eventos esportivos demandou a formação de especialistas, fotógrafos, repórteres, radialistas, cinegrafistas e comentaristas desde cedo” (LUVISOLO, 2011). Com o aumento da audiência, veio também o aumento do campo de atuação para os profissionais dos meios de comunicação.

Por outro lado, a irradiação dos jogos exigia mais do que a habilidade dos profissionais que atuavam no meio e a criação de uma linguagem específica para as coberturas esportivas: demandava estrutura técnica. Para corroborar essa constatação, Zago

(2008) lembra que os conteúdos relacionados ao esporte foram muito influentes no desenvolvimento do rádio.

Como um dos primeiros gêneros a se firmar no meio, o radiojornalismo esportivo foi obrigado a improvisar equipamentos e descobrir técnicas novas para colocar no ar suas transmissões em amplitude modulada (AM), por meio de recursos eletromagnéticos. A necessidade de acompanhar excursões de clubes e da seleção brasileira ao exterior fez com que os profissionais da área explorassem as potencialidades tecnológicas que surgiam, a partir de então, na radiodifusão mundial. (ZAGO, 2008)

Com o aprimoramento dos aparatos técnicos, o rádio se viu capaz de vislumbrar novos horizontes. Segundo Luvisolo (2011), a editoria esportiva no jornalismo esportivo teve um papel de extrema relevância para o desenvolvimento do rádio. No entanto, a busca pelo aperfeiçoamento dos equipamentos e por novas tecnologias que auxiliassem as transmissões não foi exclusividade das primeiras décadas de atuação do rádio no Brasil. Até hoje, a procura por inovações é acentuada, sobretudo, na era das mídias digitais.

De acordo com o professor Álvaro Burafah Junior (2007), as novas tecnologias, que migraram do analógico para o digital, promoveram transformações irreversíveis na estrutura e na forma de fazer o rádio. Além do aperfeiçoamento técnico, as mudanças também se deram na grade de programação das emissoras. As transmissões esportivas conseguiram se manter no ar, sendo o segmento responsável, inclusive, por grande parte do lucro das empresas radiofônicas, tanto no que diz respeito aos anunciantes quanto aos índices de audiência.

Nas primeiras transmissões, os locutores enfrentavam grandes dificuldades para fazer seu trabalho, especialmente, pela escassez de tecnologia. Até mesmo a comunicação telefônica funcionava de forma precária. Soares (1994) lembra que a qualidade das transmissões realizadas pelo telefone não colaboravam muito. Os técnicos até tentavam equalizar o som das linhas para melhorar a qualidade da voz, mas, mesmo assim, as irradiações por telefone não eram inteligíveis o suficiente.

Naquela época, não se sonhava com a realidade que vivenciamos hoje, quando a tecnologia é uma das grandes aliadas das transmissões. Vencidas as barreiras da consolidação do esporte, do rádio, da criação de uma linguagem específica para as irradiações e da melhora técnica para dar suporte aos profissionais, mais uma etapa importante se iniciava: a presença feminina na crônica esportiva.

1.3. Salto Alto no Gramado: A Participação das Mulheres no Rádio Esportivo

Antes de abordar o rádio, especificamente, é pertinente resgatar alguns conceitos acerca da questão de gênero, englobando as diferenças entre homem e mulher. Na publicação *O segundo sexo: Fatos e Mitos* (1960), Simone de Beauvoir destaca que a situação biológica e econômica definia a supremacia masculina nos primórdios da humanidade. Ela afirma que “tem-se a impressão de que o organismo masculino se define de imediato como macho, ao passo que o embrião feminino hesita em aceitar sua feminilidade” (1960, p.46).

No entanto, a ideia ainda é pouco explorada para que se possa atribuir um sentido a ela. De acordo com a autora, é a partir da evolução funcional que os gêneros se distinguem, não apenas nas singularidades da anatomia. Para Beauvoir, a mulher se afirma enquanto gênero feminino não no momento em que é concebida pela natureza, mas quando retoma a natureza em sua afetividade. A autora afirma que “o mundo sempre pertenceu aos machos” (1960, p.81), é que é preciso analisar a hierarquia dos sexos sob o ponto de vista da filosofia existencial para compreendê-la.

Quem também traz teorias sobre a afirmação dos gêneros na sociedade é Colling (2004), citada no artigo de Provezano (2009). Para a autora,

Falar em gênero em vez de falar em sexo indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. Ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. (COLLING, 2004, p.29)

Compreendendo esses conceitos base para estabelecer parâmetros que embasem a percepção sobre o papel da mulher na sociedade, pode-se começar a descrever a relação entre o gênero feminino e o rádio. Desde o início da década de 30, a linguagem e o público das irradiações se modificaram. Essas alterações também ocorreram na relação dos profissionais atuantes no meio, principalmente, com a inserção das mulheres na cobertura esportiva. Apesar de ter sido uma especialização exercida exclusivamente por homens, a participação feminina

tem aumentado nos últimos anos nos veículos de comunicação do país – inclusive do Rio Grande do Sul.

Contudo, alguns fatores, que objetiva-se esclarecer na presente pesquisa, mantiveram as mulheres longe dos microfones durante um bom tempo. Nas equipes radioesportivas, os homens desempenhavam os diferentes papéis: narração, reportagens de campo, comentários e plantão esportivo. Na década de 70, as coisas começaram a mudar. Segundo Ribeiro (2007), a tentativa de quebrar o preconceito na imprensa esportiva, que existia principalmente no rádio e na televisão, foi a grande novidade. O autor explica que, até esse período, com raras exceções, as mulheres não conseguiam espaço nas transmissões esportivas.

Uma equipe inteira, então, era pura utopia. Até que o dono da Rádio Mulher, Roberto Montoro, decidiu criar uma equipe esportiva formada exclusivamente por mulheres. A proposta era inovadora, mas o preconceito por parte dos homens era escancarado. (RIBEIRO, 2007, p.220)

A equipe esportiva da Rádio Mulher era composta por mulheres desde a locução de Zuleide Ranieri Dias até a sonoplastia de Regina Helô Aparecida. Sob esse formato, o grupo conseguiu atuar durante cinco anos, segundo Ribeiro (2007, p.221), “apesar do preconceito dos homens – jogadores ou jornalistas”. A própria Zuleide relembra, em entrevista ao autor, que a equipe mantinha uma boa relação com os jogadores e que, em alguns casos, até eram privilegiadas – como o jogo em que Pelé disse que concederia entrevista primeiro às mulheres. Posteriormente, nenhuma das integrantes acabou dando sequência ao trabalho na equipe esportiva naquela época. Um dos motivos foi a Rádio Mulher acreditar que faltavam homens na equipe.

Já no Rio Grande do Sul, de acordo com o estudo de Provezano (2009), na década de 60, “uma das primeiras mulheres a trabalhar no radiojornalismo esportivo no estado [...] foi Eva Mendonça” (2009, p.6). Entretanto, ela “não trabalhava diretamente na equipe esportiva, e sim no departamento de notícias da Rádio Gaúcha”. Somente alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1970, uma mulher pela primeira vez faria parte do departamento esportivo de uma emissora de rádio no Rio Grande do Sul: Rita Campos Daudt, na Rádio Gaúcha. Atuando como repórter de campo, ela enfrentou dificuldades para se estabelecer na profissão,

pois, segundo a autora, “muitos atletas ignoravam os chamados da repórter na beira do campo pelo fato de se tratar de uma mulher” (PROVEZANO, 2009, p.7).

Entretanto, a publicação de Ribeiro (2007) aponta para uma realidade diferente. Segundo ele, somente na década de 90, “uma mulher teria o privilégio de integrar uma equipe do rádio esportivo. Regiane Ritter, repórter e comentarista da Rádio Gazeta, chegou a conquistar o prêmio de melhor jornalista do estado de São Paulo, em 1991” (2007, p.221).

Os indícios apontados por Ribeiro e Provezano, no que diz respeito ao preconceito com a participação feminina nas equipes esportivas, refletem para a ausência das mulheres nessa editoria. Para Coelho (2008), a mulher que entende de esportes é sempre vista com curiosidade pelos outros. Essa característica também é apresentada na pesquisa de Bravo (2009). Segundo ela, as mulheres participavam cada vez mais da vida pública, ocupando cargos e papéis que, anteriormente, eram dominados por homens. No jornalismo, a história não foi diferente. Ela explica que as mulheres tiveram uma entrada lenta e gradual nos primeiros anos de imprensa, com uma inserção difícil na profissão como um todo e, mais ainda, na editoria esportiva.

Além disso, na década de 1970 não se via quase nenhuma jornalista nessa editoria, pois o tema era considerado masculino e até então a mulher “não entedia” do assunto. Havia um preconceito estabelecido dentro das redações e a jornalista raramente era enviada para a editoria do jornalismo esportivo. (BRAVO, 2009, p.7)

Existem outros estudos que buscam esmiuçar as etapas da entrada das mulheres no radiojornalismo esportivo e como esse processo se desenvolveu ao longo das últimas décadas. Cada vez mais, a participação feminina nas equipes esportivas se aproxima das emissoras locais, ainda que seja uma aproximação lenta. De acordo com Frozza (2008), apesar do espaço conquistado pelas mulheres ao longo dos anos em quase todas as divisões do jornalismo, ainda existe dificuldade em vê-las atuando no rádio esportivo, especialmente na cobertura de jogos. O autor reconhece, no entanto, que a realidade já é bem diferente daquela encontrada pelas mulheres nos primórdios do rádio, quando o sexo feminino sequer trabalhava nesse meio.

Um dos avanços nesse sentido é que, diferentemente dos anos iniciais do rádio no Brasil, quando surgiram as primeiras irradiações, atualmente, o campo de trabalho oferece

mais suporte para receber as mulheres. Quando Nicolau Tuma foi pioneiro nas transmissões esportivas, os jogadores de futebol sequer possuíam numeração nas camisas. Como destacou Soares (1994), para se diferenciar os atletas em campo, o locutor precisava ir até o vestiário antes da partida e memorizar características físicas que o permitissem reconhecer o jogador durante o jogo. As próprias entrevistas realizadas durante a transmissão, quando surgiram os repórteres de campo, eram, muitas vezes, feitas nos vestiários, enquanto os jogadores se fardavam ou se preparavam para tomar banho.

É importante destacar que a participação das mulheres nas equipes esportivas, assim como na imprensa em geral, fez parte de um fenômeno social. Em sua pesquisa, Brasiliense (2008) cita a autora Alzira Alves de Abreu Dora Rocha, que, no livro *Elas ocuparam as redações* (2006), analisa esse contexto, lembrando que a entrada de um grande número de mulheres nas redações a partir dos anos 1970 não foi uma exclusividade do meio jornalístico. Esse foi um processo que acompanhou uma tendência nacional, abrangendo diversas profissões, como a medicina e o direito, que pertenciam ao mundo masculino. A autora indica que pelo censo de 1950, as mulheres representavam apenas 15,6% da população economicamente ativa, chegando a atingir um percentual de 42% em 2002. Para ela, o nível de escolaridade das mulheres, superior ao dos homens, é um dado importante para explicar o aumento da atuação feminina no jornalismo.

Brasiliense (2008, p.21) reforçou ainda que “apesar de as jornalistas terem ocupado as redações e várias das editorias, elas ainda passam por problemas comuns a qualquer outra profissão”. Algumas das razões apontadas foram a diferença na remuneração financeira e a falta de tempo para administrar o trabalho e os afazeres domésticos, como cuidar da casa e dos filhos. As alterações no âmbito social, como a saída da mulher de casa para o mercado de trabalho, foram significativas nesse processo.

Entretanto, a conquista do espaço para atuação no jornalismo e, mais especificamente, na editoria esportiva, é recente. Para se contextualizar esse processo, em décadas passadas, a própria prática esportiva era negada ao sexo feminino. No mesmo estudo, Brasiliense (2008) destaca a contribuição de Gertrud Pfister, no livro *Mulheres no Esporte* (2004, p.3), destacando que, no século XIX, “as mulheres, bem como os fogões nos quais cozinhavam, pertenciam ao lar e não às quadras esportivas”. Excluir as meninas das primeiras iniciativas às práticas de exercícios físicos era algo natural, por serem considerados como incompatíveis com o sexo feminino. No final do século XIX, quando várias mulheres participaram de

competições de natação, corridas de bicicleta e salto de esqui, causaram verdadeiro escândalo ao público.

A partir do relato Pfister (2004), evidencia-se que a simples prática esportiva já causava espanto a sociedade da época. Segundo Ramos (2008), desde o final do século XX, as mulheres já lutavam para obterem maior participação feminina no esporte brasileiro. Para se ter uma ideia, foi só em 1992, em Barcelona, que uma ciclista brasileira participou pela primeira vez dos Jogos Olímpicos. A iniciação das mulheres no esporte relaciona-se com a inserção feminina na cobertura esportiva, pois essas alterações repercutiram diretamente nos programas esportivos. Para Ramos (2008), as mulheres entendem de diferentes esportes e vieram para soltar o verbo, até porque as que estão à frente do jornalismo também são praticantes femininas do esporte.

A afirmação aponta para uma importante consideração quando se fala em mulheres atuando no jornalismo esportivo: a participação feminina na prática de esportes foi um passo importante para que a mulher também pudesse almejar o espaço na crônica esportiva. Esse item acaba somando-se, pois, às alterações no âmbito social – quando a mulher saiu de casa para o mercado de trabalho -, à dificuldade de inserção e crescimento profissional enfrentada pelas mulheres em diversas áreas e ao desafio de buscar espaço nas editorias esportivas.

1.4. O rádio em Passo Fundo

A iniciação do rádio na cidade se deu em 1939. Segundo Fonseca (1997), “o Serviço de Alto-Falantes da Casa Rádio, dos irmãos Jaime e Alceu Laus, instalado numa rua central era a única “rádio” com que contava a população da cidade”. Nesse formato de comunicação, nomes como o de Maurício Sirotsky Sobrinho surgiram na locução dos alto-falantes.

Até metade da década de 40, as emissoras de rádio ouvidas em Passo Fundo eram de outras cidades, como Porto Alegre e Rio de Janeiro. Foi em agosto de 1946 que a primeira emissora de rádio foi inaugurada: a rádio Passo Fundo. Inicialmente, o veículo de comunicação serviu para impulsionar o desenvolvimento artístico e cultural do município, trazendo divulgação e espaço para os talentos locais da música.

Em *Rádio Municipal: vítima de censura ou má gestão?*, César Augusto Azevedo dos Santos relembra que Maurício Sobrinho foi convidado a gerenciar a Rádio Passo Fundo. Segundo Santos (2006, p.2), a emissora “foi a grande escola dos profissionais de rádio na

cidade e região”, além de projetar inúmeros locutores – que, posteriormente, trabalharam em veículos de comunicação das grandes capitais. Em 1999, a rádio Passo Fundo foi comprada pelo grupo Diário da Manhã.

O pioneirismo da rádio Passo Fundo terminou em 1954, ano em que surgiu a Rádio Municipal. No entanto, a emissora ficou apenas 24 anos no ar. Santos (2006) relata em seu estudo que, em 1978, o Ministério das Comunicações determinou o fechamento da Rádio Municipal de Passo Fundo. Segundo o autor, a emissora operou por mais de duas décadas sem o cumprimento das exigências legais. Tanto a rádio Passo Fundo quanto a Municipal realizaram transmissões esportivas enquanto estiveram no ar.

Precisamente em 1969, entrou no ar a Rádio Planalto, dirigida pelo Padre Paulo Augusto Farina e pertencente à Igreja Católica. A emissora passou a transmitir as partidas de futebol ininterruptamente em 1991 e se mantém em atividade até os dias atuais. A primeira equipe esportiva contava com os narradores Duarzan Bitencourt D’ávila e Marcos Feijó, o comentarista Jarbas Sampaio Corrêa, os repórteres Ari Machado e Rudnei Portela e o plantão de Jesse James Rodrigues.

Quem também participou desse cenário foi a Rádio Uirapuru. Conforme Azevedo (1999, p.32), “em maio de 1979, no dia 29, o Diário Oficial da União publica o Decreto 83.524, que finalmente outorgava concessão à Rádio Uirapuru, para que num prazo máximo de dois anos iniciasse suas transmissões”. A emissora, que também permanece em atividade até hoje, transmitiu algumas partidas de futebol ao longo de sua história.

Em todas essas décadas de história e consolidação do rádio em Passo Fundo, as transmissões esportivas de futebol, até 2013, não contaram com a presença de uma mulher na equipe, seja atuando na reportagem, no comentário, no plantão ou na narração.

2

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida nesse projeto é exploratória, pois busca a familiarização com o objeto de estudo: a participação feminina no radiojornalismo esportivo de Passo Fundo. Para isso, além do levantamento bibliográfico apresentado no primeiro capítulo, foram feitas entrevistas com profissionais que atuaram ou ainda atuam na área e que, diretamente, fizeram parte da construção da história do rádio passo-fundense e sua consolidação nas transmissões esportivas.

Sabendo, previamente, que a bibliografia específica sobre o radiojornalismo esportivo na cidade é escassa para a construção de uma análise aprofundada, que permitisse compreender os fatores que norteiam a ausência feminina nas equipes esportivas do rádio local, optou-se pela construção de um questionário, resgatando, assim, os aspectos imprescindíveis para se atender aos objetivos da pesquisa.

A metodologia baseada na pesquisa exploratória não foi escolhida por acaso. Como lembra Gil (2002),

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que esta pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. (GIL 2002)

Nesse sentido, mesmo que a bibliografia existente já apresentasse um conhecimento prévio sobre o tema abordado, a especificidade do assunto demandava a busca por outros

recursos, que ainda não haviam sido contemplados por uma pesquisa. Com essa proposta, a entrevista com os profissionais da área complementa a bibliografia já existente, oferecendo um leque maior de argumentos a serem analisados e contrapostos.

2.1. Critérios para a Escolha dos Entrevistados

O critério utilizado para a escolha dos entrevistados foi, basicamente, a atuação na editoria esportiva do rádio passo-fundense. Foram selecionados os radialistas do passado, que marcaram a história do veículo e do esporte na cidade, e os que seguem atuando na área até o presente ano. O envolvimento com as transmissões esportivas, tenha ele sido na narração, comentários, reportagens ou plantão de estúdio, se fez indispensável para que o entrevistado fornecesse o embasamento necessário para a compreensão da consolidação do rádio esportivo e os motivos que sustentaram a exclusividade masculina nas equipes esportivas.

Para a escolha dos profissionais, foi necessário explorar o surgimento e o desenvolvimento do rádio passo-fundense. Alguns deles, por ainda atuarem no meio ou por serem ícones do radiojornalismo esportivo em Passo Fundo, já eram referências na área. Pelo tempo de carreira, eles puderam contribuir com informações relevantes para a construção da análise da presente pesquisa. Já para resgatar os nomes mais antigos do rádio local, recorreu-se, justamente, a estes profissionais que integram as atuais equipes esportivas e que, pela experiência de décadas de trabalho, acompanharam as primeiras transmissões esportivas do rádio passo-fundense. Após essa análise, chegou-se a nove entrevistados.

Para esclarecer as razões da falta de atuação feminina na área, julgou-se pertinente compreender o outro lado: o das mulheres que conseguiram espaço para atuação na editoria esportiva radiofônica. Por isso, duas profissionais atuantes no rádio esportivo na capital gaúcha também foram entrevistadas. A partir do relato de quem participou desse processo de inserção das mulheres nas equipes esportivas e vivenciou as dificuldades decorrentes dessa mudança, foi possível estabelecer níveis comparativos com o depoimento dos homens e, assim, fazer uma análise mais aprofundada e coerente dos dados.

2.2. Formulação do Questionário

As perguntas foram elaboradas para elucidar os diferentes aspectos que tangem o problema de pesquisa. Formularam-se dois questionários (disponíveis em anexos A e B): um para os radialistas passo-fundenses e outro para as mulheres que conseguiram se estabelecer nessa editoria – como já explicado no item anterior.

No primeiro caso, inicialmente, era necessário saber por quanto tempo o profissional atuou ou há quanto tempo atua no radiojornalismo esportivo e como se deu sua participação nas transmissões esportivas. Essa questão foi importante para nivelar o grau de envolvimento dos entrevistados com as coberturas e, a partir disso, considerar suas percepções sobre as transformações ocorridas nesse âmbito.

No questionário, após a inserção do entrevistado no contexto da pesquisa, optou-se por perguntar diretamente a opinião dele sobre os motivos que ocasionaram a ausência feminina no rádio esportivo local. Dessa forma, antes de oferecer qualquer questão que direcionasse a análise do entrevistado para um fator particular, ele teria liberdade para fazer suas considerações.

Posteriormente, foram apresentadas perguntas com direcionamentos específicos, que poderiam servir como justificativas para a não inserção das mulheres no cenário das transmissões esportivas em Passo Fundo. Questionou-se, por exemplo, se o preconceito era um fator determinante para essa situação e se a formação profissional pode ser considerada satisfatória para o exercício das atividades na editoria esportiva. Outro fator importante e imprescindível para a construção da análise era saber se os entrevistados já haviam presenciado alguma tentativa de uma mulher se integrar às equipes esportivas. Trabalhando-se, portanto, com as duas ideias: a falta de oportunidade e a falta de iniciativa.

A receptividade do público também foi levada em conta na formulação do questionário. Os entrevistados foram indagados sobre a maneira como os ouvintes receberiam a informação esportiva vinda de uma mulher e se essa mesma informação seria vista com credibilidade. Seguindo essa linha de raciocínio, se perguntou como eles se sentiriam caso tivessem que dividir a transmissão esportiva com uma mulher - na narração, comentário, reportagem ou plantão de estúdio, - e se veriam com naturalidade a mulher opinando de forma técnica sobre o futebol.

Além disso, se buscou abranger as questões de gênero que envolvem a relação entre homem e mulher na sociedade e, principalmente, na carreira profissional. Para isso, se

consideraram as transformações ocorridas com a saída das mulheres do âmbito familiar – o tradicional modelo da mulher cuidando da casa e da família – para galgar postos no mercado de trabalho, assumindo, inclusive, cargos que, até poucas décadas eram ocupados exclusivamente por homens. Situação exemplificada pelo próprio objeto desta pesquisa: as equipes esportivas no rádio.

Já no segundo questionário, destinado às mulheres, a base estrutural foi semelhante. Era importante abordar os aspectos fundamentais, como a qualificação profissional, a iniciativa, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o preconceito. Contudo, foi possível apresentar questões mais específicas e que servissem como contraponto as respostas dos outros entrevistados. Depois de compreender como se deu o processo de inserção dessas profissionais na editoria esportiva do rádio e conhecer como foi a atuação delas nas equipes, buscou-se entender o que as motivou a escolher essa área: um detalhe importante para embasar o argumento da falta de iniciativa por parte da mulheres de trabalhar com o esporte.

A dificuldade enfrentada por essas profissionais para se estabelecerem no meio também foi abordada no questionário. Perguntou-se, inclusive, se elas já haviam sido vítimas de preconceito enquanto trabalhavam nas transmissões, pois o relato de quem vivenciou a experiência é fundamental para a análise da pesquisa. As questões incluíram também a qualificação profissional das entrevistadas - especialmente, no que diz respeito às normas técnicas do futebol - e a preparação para atuar nas coberturas esportivas.

No que tange a relação com os homens no ambiente de trabalho, foram feitas perguntas relacionadas ao comportamento dos colegas que integram a equipe esportiva e como foi a receptividade do público em relação ao trabalho que elas desempenham. Nesse sentido, se aproveitou as mesmas bases do primeiro questionário, em que se indagou sobre as mudanças sociais que levaram a mulher a buscar seu espaço no mercado de trabalho.

Para finalizar, as entrevistadas foram questionadas sobre as mudanças que seriam necessárias para que a mulher conquistasse seu lugar nas equipes esportivas e se essa seria uma realidade palpável para o radiojornalismo esportivo do interior. As considerações nesse aspecto foram necessárias para direcionar o ponto de vista das entrevistadas sobre o trabalho realizado fora dos grandes centros, já que a atuação delas foi centralizada na capital do estado.

2.3. Procedimento para a Coleta de Dados

Com os profissionais definidos e os questionários elaborados, iniciou-se o processo de coleta de dados. Em Passo Fundo, os entrevistados foram contatados pessoalmente e/ou através do telefone e as entrevistas foram realizadas na sede dos veículos em que atuam e na Rádio Planalto, em Passo Fundo. Já com as profissionais que atuam em Porto Alegre, a aplicação do questionário foi feita por e-mail.

Inicialmente, todos receberam uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado segundo as normas do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição. No documento, estavam dispostas todas as informações sobre a pesquisa e oferecida a garantia de preservação da identidade dos profissionais. Por isso, eles serão identificados ao longo da análise como “entrevistado”, “sujeito” ou “entrevistada”, seguido de um indicador numérico que permita a diferenciação. A entrevista foi realizada somente após a leitura e assinatura do TCLE.

Para garantir o total aproveitamento das questões, os depoimentos foram registrados em um gravador comum para posterior decupagem. Depois de transcrito, o arquivo foi deletado, pois o objetivo não era a utilização do áudio, mas das informações concedidas pelas fontes de pesquisa. Cada entrevista teve duração aproximada de trinta minutos. Para mensuração dos dados, não foi levada em conta a reação dos entrevistados *in loco*.

2.4. Utilização das Informações Coletadas

Após a decupagem, as informações obtidas por meio das entrevistas foram utilizadas na análise desta pesquisa. Os dois questionários foram mesclados, para contrapor os pontos de vista dos profissionais entrevistados. Para facilitar o entendimento, os resultados mais relevantes foram pontuados em subitens na análise.

Os principais tópicos de abordagem dos questionários foram divididos: primeiro, a explanação livre sobre os fatores que resultaram na ausência de mulheres no rádio esportivo de Passo Fundo; em sequência, os itens específicos – preconceito na editoria, iniciativa das profissionais, qualidade da formação profissional e as mudanças no âmbito profissional com a presença das mulheres na equipe.

Posteriormente, foram apresentados os dados relativos à receptividade do público e dos colegas com relação à atuação feminina, as dificuldades para inserção no meio, a credibilidade das informações vindas de uma mulher e a preparação técnica para participar das transmissões radiofônicas de futebol. Concluindo a capítulo, foram feitos apontamentos com informações obtidas durante as entrevistas e que renderam uma análise complementar.

2.5. Indicadores Semânticos

Para estruturar a análise no capítulo 3, as informações fornecidas durante a realização das entrevistas foram selecionadas com base no conceito de antonímia, ou seja, palavras com significados opostos. Dessa forma, estabelecendo relações entre as respostas, foi possível enquadrá-las em subitens e identificá-las como dados quantitativos em gráficos.

No primeiro questionamento específico sobre os fatores que nortearam a ausência feminina no rádio esportivo local, os entrevistados dissertaram livremente sobre suas percepções. Nas perguntas seguintes, a análise foi direcionada para pontos específicos e, a partir deles, pôde-se chegar a denominadores comuns. Quanto à existência de preconceito, um dos principais aspectos abordados durante a pesquisa, a resposta se dividia, essencialmente, entre o sim e o não, se tornando, logicamente, um resultado específico.

Com as questões seguintes, as relações estabelecidas foram: oportunidade e falta de oportunidade, interesse e desinteresse, iniciativa e falta de iniciativa, capacitação adequada e formação insuficiente, credibilidade e desconfiança, receptividade e resistência. Sob esses eixos, subsidiados pelos depoimentos dos entrevistados, a análise foi estruturada e desenvolvida. Definidos os direcionamentos, foi possível converter as respostas abertas em números e demonstrá-las graficamente.

3

A AUSÊNCIA DE MULHERES NO RÁDIO ESPORTIVO PASSO-FUNDENSE

Para atender aos propósitos da pesquisa, os dados obtidos durante a realização da entrevista serão apresentados e analisados conforme os indicadores semânticos apontados no capítulo anterior. Partindo das informações já apuradas durante a revisão de literatura do primeiro capítulo, que afunilaram o assunto até o objeto de estudo da presente pesquisa, serão apresentados os principais tópicos apontados pelos entrevistados.

Percebeu-se que o ponto de vista sobre os fatores que ocasionaram a ausência feminina variaram conforme o tempo de experiência do profissional no rádio e a época em que trabalhou no meio. Dessa forma, as considerações dos entrevistados serão pontuadas dentro de subitens para melhor mensuração dos resultados.

3.1. A Falta de Interesse e de Iniciativa Feminina em Atuar na Editoria Esportiva

Destacadas entre as respostas, especialmente quando os entrevistados eram questionados livremente com relação aos motivos que mantiveram as mulheres longe dos microfones nas transmissões esportivas em Passo Fundo, estão as faltas de interesse e de iniciativa por parte do público feminino em atuar na editoria.

Para o entrevistado 2, que iniciou sua carreira no rádio em 1969 e desempenhou as funções de comentarista e de repórter esportivo, a ausência de profissionais nas equipes esportivas sempre foi motivo de curiosidade, inclusive, por parte dos homens. Segundo ele, o principal motivo se encontra na falta de iniciativa, porque, em 67 anos de história, nenhuma mulher se mostrou interessada em fazer parte da equipe de esportes do rádio local. Ele alerta

que “o espaço existiu, bastava as mulheres se capacitarem para isso e terem iniciativa”. No entanto, em termos de curso superior, a capacitação profissional para a região de Passo Fundo só surgiu em 1996 com o curso de Rádio e TV oferecido pela Universidade de Passo Fundo – que, em 2003, foi extinto para o surgimento de uma turma noturna no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Quem também destaca o desinteresse feminino é o entrevistado 3. Trabalhando há três anos com a editoria esportiva no plantão de estúdio, para ele, o primeiro fator que pode justificar o problema desta pesquisa é a falta de interesse das mulheres em atuar no meio. No entanto, ele não descarta a ideia de que o preconceito e a cultura de assimilar o futebol como um ambiente masculino possa ter inibido a vontade das profissionais de tentarem uma oportunidade na área.

Já para o entrevistado 5, a iniciativa não surgiu pelo fato das mulheres não se sentirem atraídas pelo esporte, principalmente o futebol. “É uma questão da própria mulher. Ela prefere os programas de estúdio, relacionados às áreas da saúde, culinária, comportamento, do que discutir sobre esporte”. Em sua experiência de 48 anos trabalhando no radiojornalismo esportivo, exercendo, unicamente, a função de narrador, o entrevistado 5 acredita que, em momento algum, a falta de mulheres nas transmissões de partidas de futebol se deveu ao preconceito ou à falta de oportunidade, ficando restrita ao desinteresse feminino.

Ao falar em iniciativa, pressupõe-se um pré-requisito essencial: a coragem para quebrar um paradigma. Como o assunto abordado nesta pesquisa é um campo de trabalho que foi dominado por homens durante décadas e, até o presente ano, sem a participação de uma mulher, o entrevistado 6 ressalta, como um ponto importante, a falta de coragem da mulher para se atrever em profissões ainda pouco exploradas pelo sexo feminino. Para ele, “na maioria das vezes, a inveja e a maldade são características que impedem as mulheres de prosseguirem em suas atividades”. O sujeito 6 ratifica a afirmação defendendo que a competitividade do meio pode não ser atrativa para as mulheres, representando mais um desafio a ser encarado. Em contrapartida, ele ressalta que, em 38 anos de carreira, sendo 10 como narrador esportivo, jamais presenciou a tentativa de inserção de uma mulher na equipe.

Considerando que não existem registros da participação de mulheres na equipe esportiva do rádio passo-fundense e os entrevistados foram unânimes em informar que nunca presenciaram essa tentativa de inserção, evidencia-se um fator fundamental para a compreensão do objeto de estudo da presente pesquisa. O preconceito, embora citado – e que será abordado especificamente no tópico seguinte – aparece como complemento à falta de

iniciativa. Entretanto, as duas vertentes podem ser consideradas interdependentes, pois, saber da existência do preconceito – reflexo, inclusive, dos anos de dominação masculina no âmbito familiar, social e profissional -, pode ter influenciado a decisão feminina de tentar se estabelecer na editoria. Especialmente, porque os coordenadores das equipes esportivas e das próprias emissoras de rádio eram homens. Sem as dificuldades para consolidação de seu trabalho, as mulheres poderiam ficar mais propensas a demonstrar interesse e iniciativa pela crônica esportiva.

Tendo em vista a ausência de profissionais atuantes no interior, o entrevistado 9 chama a atenção para um aspecto relevante: o próprio futebol feminino não tem tanta visibilidade quanto poderia. A prática de esportes por parte das mulheres, no que diz respeito ao futebol, não repercute na sociedade da mesma maneira que o esporte praticado pelos homens, que é muito mais valorizado. Para ele, quando as mulheres demonstrarem querer trabalhar na área e se capacitarem profissionalmente para isso, o mercado estará aberto para recebê-las.

Com a experiência de quase 35 anos de atuação no rádio passo-fundense, 9 destaca ainda que a difusão do futebol feminino seria uma mola propulsora para que as mulheres quebrassem a cultura de que elas não entendem do esporte. Para ele, o futebol ainda está muito vinculado aos homens, mas, a partir do momento em que as mulheres ocuparem seu espaço nessa editoria, a percepção com relação ao futebol mudará. Com a presença das mulheres nos estádios de futebol, como torcedoras, já está ficando para trás a ideia de que elas não são capazes de compreender e comentar sobre o esporte.

Conforme visualmente representado na Imagem 1, a falta de iniciativa e de interesse por parte das mulheres foi a principal causa apontada pelos entrevistados como justificativa pela ausência feminina nas equipes esportivas das emissoras do interior, em 55,55% dos casos. O preconceito aparece em segundo lugar, com 22,22%, seguido da falta de oportunidade no meio com 22,22%.

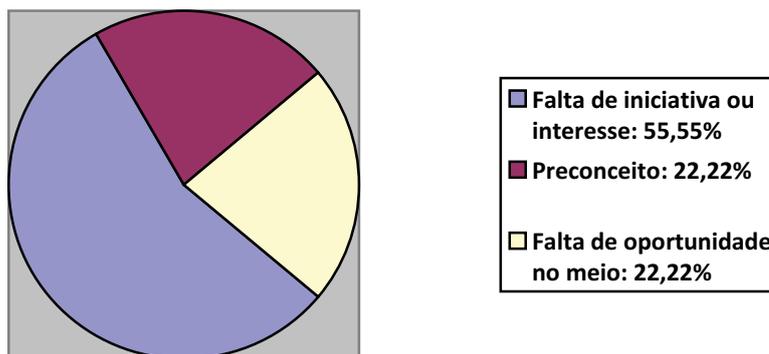


Imagem 1: Gráfico de justificativas sobre a ausência feminina

Na deliberação livre, portanto, além da principal causa, também foram apontados fatores como o preconceito e falta de oportunidade para atuação das mulheres no rádio esportivo local. Esses índices foram essenciais para demonstrar como os profissionais da área avaliam a mesma realidade sob diferentes aspectos, considerando a experiência que possuem e a época em que trabalham com a editoria esportiva.

3.2. O Preconceito com as Mulheres e a Falta de Oportunidade

Após considerar os apontamentos feitos pelos entrevistados, os dois itens que apareceram em segundo plano para ilustrar a ausência feminina no meio radiofônico, especificamente na equipe esportiva, serão desmembrados para melhor compreensão de suas justificativas.

Os quase setenta anos de rádio em Passo Fundo e as equipes esportivas formadas exclusivamente por homens culminaram com a criação de um ambiente machista, pelo menos, no que diz respeito a conhecimento sobre esportes. As declarações e respostas dos entrevistados, aparentemente, direcionaram para a estranheza que a presença de uma mulher poderia causar na transmissão esportiva.

A falta de oportunidade e a desconfiança no trabalho feminino são indícios apontados pelo entrevistado 1. Ele alega que, na coordenação das equipes, surgiam pensamentos como “será que a mulher conseguirá dar conta do trabalho?” ou “ela será capaz de aguentar o ritmo das jornadas esportivas?”. Ainda que essas dúvidas não questionem, propriamente, a

capacidade feminina de entender de futebol e de se consolidar na profissão, expressam a forma como, durante muito tempo, o gênero feminino foi visto pelos olhos do público: frágil para exercer atividades masculinas.

Há 21 anos desempenhando atividades na editoria esportiva, como reportagem de campo e narração, o sujeito 1 acrescenta que a própria história do rádio no Brasil demonstra o preconceito que ainda existe com as radialistas. Um exemplo foi a tentativa de estabelecer uma equipe esportiva formada exclusivamente por mulheres na Rádio Mulher – tendo a equipe desintegrada cinco anos após sua criação. Para ele, somente a partir da década de 90 que o mercado começou a abrir espaço para a atuação feminina e, ainda assim, com restrições. “O rádio no centro do país já começou a dar oportunidade para as mulheres. No rádio gaúcho, ainda existe resistência, infelizmente”.

A proposição é reforçada pela entrevistada 7 ao afirmar que em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, as mulheres têm muito mais espaço para atuação que no sul do país. Ela conta que, infelizmente, acredita que o Rio Grande do Sul ainda tenha mais preconceito com as mulheres e ainda seja mais machista. Contudo, ela acredita que existe espaço para o público feminino no radiojornalismo esportivo do interior, assim como qualquer mercado. Ela ressalta que “se tiver competência, tem espaço. Mas é bom que se diga: se um homem e uma mulher tiverem a mesma competência, a grande maioria das rádios vai contratar o homem. Infelizmente, isso ainda acontece”. Essa preferência vem ao encontro do preconceito implícito, da cultura de uma sociedade patriarcal que tão cedo não vai se desfazer de suas raízes históricas.

O pensamento de que o futebol é coisa de homem está relacionado à ausência de mulheres no rádio esportivo de Passo Fundo. Segundo o entrevistado 3, a realidade vivida pelas cidades do interior reflete perfeitamente a mentalidade masculinizada que comandou o veículo de comunicação em seus primórdios no país. A mesma proposta é defendida pelo entrevistado 4, que reforça que, durante todo o período de consolidação do rádio no Brasil, o preconceito se instalou no meio e afastou as mulheres. Com experiência em reportagens de campo e plantão de estúdio em três emissoras de rádio passo-fundense, o sujeito 4 explica que a falta de interesse por parte das mulheres foi, sim, uma realidade, mas que não chega a ser um fator relevante se comparado ao preconceito sofrido por elas ao longo das décadas.

Por outro lado, os entrevistados 2 e 5, que começaram a trabalhar no rádio de Passo Fundo nos anos 1950 e 1960, pensam diferente. Para eles, o preconceito não existiu, sob nenhuma forma, e, portanto, não poderia ser usado como pretexto para justificar a falta de

iniciativa das mulheres. O entrevistado 5 destaca, inclusive, que as mulheres gozam dos mesmos direitos e oportunidades que os homens na crônica esportiva. Contudo, ao ser questionado sobre o espaço para atuação feminina no rádio esportivo, ele afirma que “com toda a sinceridade, uma mulher jamais seria narradora de futebol no rádio e que o máximo que uma mulher pode chegar em termos de equipe esportiva é até à reportagem de campo”.

Analisando as ponderações, é fácil perceber que quando questionados diretamente sobre a existência de preconceito no meio, alguns entrevistados desviam o foco da pergunta e responsabilizam a falta de interesse feminino pela ausência de mulheres no rádio esportivo local. Entretanto, em perguntas aleatórias, o preconceito e a contestação quanto à capacidade feminina de dominar os conceitos do esporte e opinar de forma técnica sobre o futebol surgem camuflados, em declarações aparentemente isentas.

Em outra oportunidade, a resistência à participação feminina também aparece sob outra perspectiva. De acordo com o sujeito 5, em todo período em que foi diretor de esportes nas emissoras locais e transmitiu partidas de futebol, nenhuma mulher o procurou para pedir a oportunidade de ter uma experiência nesse meio. Todavia, ele complementou a afirmação dizendo que “também nunca se interessou por procurar uma mulher para desempenhar qualquer atividade na equipe esportiva”, até porque não acredita que exista espaço no interior para atuação feminina no radiojornalismo esportivo.

Diferentemente, o entrevistado 4 admite que uma mulher falando sobre futebol em um veículo de comunicação - ainda mais o rádio, com a tradição que tem no esporte - causaria um estranhamento ao público. Contudo, para ele, a competência faz toda a diferença. O sujeito 4 admite que teria certo preconceito, mas que se a profissional tivesse o espírito de repórter, não haveria problema algum, pois, com o tempo, se acostumaria com a novidade. Ele explica que o repórter esportivo é totalmente diferente dos outros: precisa ser muito ágil, rápido, dinâmico e atento. Por isso, se a profissional tiver essa linha de atuação, apesar do “choque inicial”, o público irá respeitá-la.

O aproveitamento do espaço oferecido pelas emissoras é um passo fundamental para evitar esse estranhamento aos olhos do público. Pelo menos, para o entrevistado 8. De acordo com ele, o preconceito não pode ser considerado como justificativa para a ausência feminina, pois a mulher não precisa conquistar um espaço na editoria esportiva e sim usar o espaço que já está à sua disposição. Para complementar seu raciocínio, o entrevistado 8 compara essa situação ao oxigênio: já está disponível, basta saber usar.

Por outro lado, as mulheres que conseguiram se estabelecer na editoria esportiva do rádio confirmam a existência de grandes dificuldades para exercer seu trabalho. Há cinco anos como repórter esportiva, a entrevistada 7 defende que todo repórter, independentemente de ser homem ou mulher, precisa estar muito bem informado. “Mas, para as mulheres, existe a necessidade de provar mais coisas. Se uma mulher diz algo e o torcedor não gosta, ele contesta o conhecimento que ela tem, só por ser mulher”. Ela afirma que ainda é visível esse tipo de comportamento, mas que cabe à profissional conquistar o respeito do público.

Quando questionados diretamente sobre a existência de preconceito e se esse poderia ser um fator determinante para justificar a falta de mulheres atuando na editoria, os entrevistados ficaram divididos. Como ilustrado na imagem 2, 44,44% deles afirmaram que sim, 44,44% disseram que não e 11,11% consideraram o preconceito indiferente para a presença feminina nas equipes esportivas.

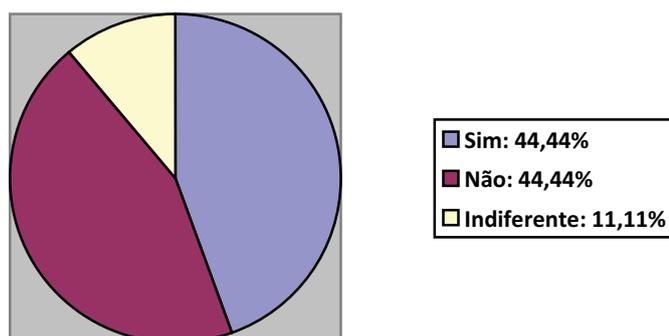


Imagem 2: Gráfico sobre a existência de preconceito

Os índices apontados no gráfico acima revelam que houve um impasse quanto ao fato de o preconceito ter sido uma razão significativa para as mulheres não terem trabalhado na editoria esportiva do rádio. Isso porque um dos entrevistados desviou da pergunta e preferiu não expressar sua visão sobre o assunto. Nesse aspecto, é interessante destacar que, mesmo não sendo a principal causa, tanto aqueles que afirmaram que o preconceito foi determinante para a falta de participação feminina quanto os que discordaram foram enfáticos ao manifestar sua opinião.

3.3. Qualificação Profissional e Preparação Técnica

Para adquirir o respeito e a credibilidade junto aos colegas e torcedores, é necessário se qualificar e estar munido de informações. Um dos diferenciais da nossa região nesse sentido é o curso de comunicação social oferecido pela Universidade de Passo Fundo. A graduação foi citada pelos entrevistados como um passo importante na formação dos comunicadores, especialmente, porque os jovens chegam ao mercado de trabalho com o embasamento teórico que falta aos radialistas mais antigos, que possuem apenas o conhecimento prático.

De acordo com o entrevistado 1, “a experiência que vem dos bancos universitários é extremamente importante. Os profissionais que buscam a formação em jornalismo deveriam ser mais valorizados”. Ele acrescenta que a formação profissional traz uma contribuição significativa para o desenvolvimento e evolução da crônica esportiva no rádio de Passo Fundo.

Já para o sujeito 3, a formação oferecida deixa a desejar quanto à preparação dos alunos para atuar no mercado de trabalho. Ele defende que “poderia ser melhor, pois muitos profissionais querem trabalhar, mas não têm um grande conteúdo de vivência. Falta conhecimento para as questões cotidianas de uma redação”. Quanto à área esportiva, ele acrescenta que, durante a graduação, o contato com profissionais experientes, que já atuam no meio, seria muito proveitoso para os alunos que pretendem seguir por essa editoria, já que não existe na cidade uma especialização específica no jornalismo esportivo.

Quem também aborda a qualificação profissional, reforçando que a preparação oferecida pela academia é insuficiente, é o entrevistado 4. Para ele, o jornalismo, de uma maneira geral, prepara mal para as reportagens, especialmente para o esporte, no qual a versatilidade, a capacidade de improvisação e a bagagem de conhecimento são indispensáveis para o exercício das atividades. “No rádio, não existe script e muitos alunos chegam ao mercado atados a teorias e fórmulas que, na prática, não tem aplicabilidade ou tempo hábil para serem executadas”.

A busca por estágios e pela vivência do dia a dia no mercado de trabalho é um fator que, para o entrevistado 9, representa 60% da qualificação profissional. No banco acadêmico, segundo ele, o aluno não é integralmente formado e, nesse aspecto, as mulheres podem sair em desvantagem por serem mais “perfeccionistas” e apegadas à presença em sala de aula. A busca feminina pela experiência prática nos veículos de comunicação trará mais visibilidade

ao trabalho feminino e, conseqüentemente, o desempenho de atividades no meio não se tornará alvo de estranhamento por parte do público.

Sob outra perspectiva, o entrevistado 8 credita o aumento no nível de qualificação profissional dos radialistas à formação acadêmica. Para ele, não resta dúvidas de que a universidade prepara profissionais melhores para atuar no mercado. Na região, especialmente na década de 90, a universidade começou a lançar profissionais nos veículos de comunicação, o que, para ele, enriqueceu as emissoras. No entanto, ele pondera que não é o bastante: existem pessoas que se capacitam e são bons profissionais e aqueles que, mesmo com ensino superior, não atendem às necessidades do meio. Para o exercício do radialismo, é indispensável a articulação, responsabilidade e conhecimento cultural.

A partir dessas informações, percebeu-se que a maioria dos entrevistados que se sentiu à vontade para avaliar a importância da formação profissional não visualiza, na graduação, o suporte necessário para desenvolvimento do repórter esportivo. Entretanto, há uma contradição nos depoimentos. As próprias características citadas como fundamentais para o exercício da reportagem no futebol não são adquiridas na academia. A dinâmica, o raciocínio rápido e o conhecimento sobre as regras e a história do esporte não são habilidades que possam ser ministradas em sala de aula e estão diretamente relacionadas à personalidade e à vontade do profissional em se especializar em determinada editoria.

Essa busca “extraclasse” é descrita pela entrevistada 7. Quando iniciou seu trabalho na reportagem de campo, ela procurou as informações necessárias para dar consistência a suas participações na transmissão, principalmente, acompanhando as jornadas esportivas de outras emissoras de rádio. Para ela, quando se começa a trabalhar com isso é preciso ter muita curiosidade de entender o que acontece em campo e prestar muita atenção nos treinamentos, pois deles saem importantes observações para a hora do jogo.

Portanto, com relação à qualificação profissional, a maioria dos entrevistados afirmou que a criação do curso de comunicação auxiliou na preparação para a atuação nas emissoras. Na imagem 3, identifica-se que 33,33% consideraram insuficiente a qualificação oferecida pelos bancos acadêmicos, 44,44% avaliaram como adequada e 22,22% optaram por não responder.

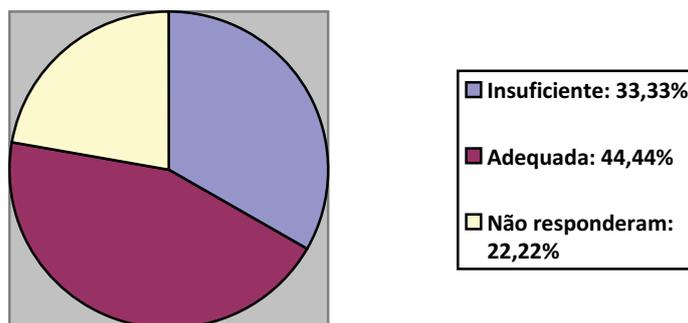


Imagem 3: Gráfico sobre qualificação profissional

Como ilustrado no Gráfico sobre qualificação profissional, é pequena a diferença entre os entrevistados que consideram a qualificação profissional adequada e os que a avaliam como insuficiente. Para os últimos, a maioria das justificativas se baseia em uma percepção do jornalismo como um todo, mas também aparece no segmentado, atribuindo a insuficiência da formação acadêmica à falta de características que, segundo os entrevistados, são imprescindíveis ao bom profissional. Esses atributos, no entanto, não competem à grade curricular das academias.

3.4. Uma Mulher na Equipe: o que Muda?

Para auxiliar na compreensão das transformações provocadas pela inserção de uma mulher na equipe esportiva, os entrevistados foram questionados sobre como receberiam essa alteração na estrutura da transmissão e no próprio relacionamento dos profissionais com os jogadores, a comissão técnica e a torcida.

O entrevistado 1 relata que não sentiria diferença alguma em realizar a jornada esportiva com uma mulher na equipe, considerando, inclusive, a participação feminina como um importante acréscimo à qualidade da transmissão. Segundo ele, a mulher tem a característica natural de ser mais detalhista e observar detalhes que os homens deixam passar despercebidos. “A sensibilidade feminina agrega muito na cobertura esportiva e é um aspecto que só tende a somar no rádio como um todo”. A linha de pensamento é compartilhada pelo entrevistado 6, ao afirmar que a leveza feminina traria uma visão diferente aos jogos. Ele

explica que “a mulher tem um ângulo diferente de buscar a informação e tem o *feeling* mais aguçado, algo que é essencial para o sucesso de uma jornada esportiva”.

Outro fator curioso é que, mesmo pertencendo à velha guarda do rádio, o entrevistado 2 declara que seu maior sonho, enquanto repórter esportivo, era participar de uma transmissão junto com uma mulher. Ele afirma que, por ser um acontecimento inédito, daria visibilidade e credibilidade para toda a equipe e para a emissora. Assim como ele, o entrevistado 3 também acha que seria ótimo contar com uma mulher atuando na equipe. Em ambos os casos, a competência é destacada como fator fundamental para a presença feminina na editoria, pois, para eles, a qualidade no trabalho independe do gênero.

A importância de ser um profissional bem preparado é quase unanimidade entre os entrevistados. O sujeito 4, por exemplo, duvida que na época em que atuou como repórter esportivo fosse possível contar com uma mulher na equipe, mas, atualmente, consideraria algo absolutamente normal. Suas únicas exigências seriam dividir a transmissão com alguém que realmente conhecesse o trabalho, estivesse bem informado e fosse competente. “O profissional precisa ter todas as informações: antes, durante e depois do jogo, até para dar conta do ritmo do rádio esportivo”.

Essa opinião sobre a necessidade de estar bem preparado também aparece nas colocações do entrevistado 9. Ele afirma que não veria problema algum em uma mulher fazer parte da transmissão, desde que fosse uma pessoa competente, com qualidade e com aptidão para desempenhar a função. Além disso, ele sugere que a participação feminina agregaria ao rádio como um todo, pois o público gosta de novidades e essa presença da mulher poderia atender bem a esse requisito. Para ele, é uma questão de criar no ouvinte o hábito de ouvir uma voz feminina e, para isso, é indispensável que a mulher esteja presente e atuante na área.

No entanto, as mudanças no cenário esportivo com a participação das mulheres vão além da equipe. Segundo a entrevistada 7, existem cuidados necessários e importantes para quem pretende se estabelecer na área. Ela relata que, no início da carreira, sequer olhava para os jogadores, para que não houvesse dúvida de que ela estava ali somente para trabalhar. Apesar de considerar a atitude até radical, ela explica que isso ajudou a fazer com que, com o tempo e o trabalho, ela conquistasse o respeito dos colegas e dos próprios jogadores e dirigentes. A preocupação ia desde não usar calças justas e tentar usar blusas mais compridas, tudo para mostrar qual era o objetivo: apenas trabalhar. “Profissionalismo” se torna a palavra chave.

Em contrapartida, o entrevistado 5 apresenta um ponto de vista, no mínimo, diferente sobre a inserção de mulheres no rádio esportivo. Para ele, que atuou como narrador, a mulher jamais será capaz de exercer essa função e, por isso, ele não precisaria dividir sua tarefa com alguém do sexo feminino. Ele destaca também que não acredita que uma mulher seja capaz de opinar de forma técnica sobre o futebol, sendo comentarista na cabine de transmissão. Contudo, o sujeito 5 ressalva que, se a mulher quisesse fazer a reportagem de campo, ele receberia de forma positiva.

Possivelmente, de todos os depoimentos, o entrevistado 5 foi aquele que apresentou mais pontos conflitantes em suas respostas. Em sua afirmação, ele deixa claro que não precisaria se preocupar com a presença de uma mulher na equipe porque julga impossível que alguma consiga exercer as funções mais complexas, por assim dizer, da crônica esportiva: a narração e o comentário. Na sequência, a declaração sobre não ver problema em uma mulher trabalhar com a reportagem de campo explicita a compreensão de que a atividade por ser, na concepção dele, mais fácil, poderia ser realizada por uma mulher. Nas entrelinhas, pode-se ler a desconfiança no trabalho feminino que, pelo menos no interior, ainda é bastante presente.

Dentro das transformações ocorridas no âmbito da crônica esportiva, pode-se destacar, também, os novos formatos das transmissões. O entrevistado 9 lembra que a atuação de mulheres no rádio esportivo tardou pela própria tradição do futebol, no qual, em anos passados, existia a tradição do repórter fazer entrevistas nos vestiários dos clubes. Com essa abordagem, seria complicado inserir uma mulher para desempenhar a função de repórter, até por uma questão social. A partir do advento das entrevistas coletivas e da criação da sala de imprensa, o próprio ambiente do futebol se tornou mais propício para o surgimento das profissionais.

3.5. Receptividade do Público e Credibilidade da Informação

Outra consideração importante abordada durante a aplicação do questionário foi a receptividade do público com relação a atuação de mulheres no rádio esportivo e também a construção da credibilidade pela profissional. Passado o primeiro momento, em que a presença feminina chama a atenção, o entrevistado 1 defende que a própria sensibilidade da mulher lhe permite observar detalhes que passam despercebidos aos homens e, por isso, ela tem um grande potencial de adquirir reconhecimento e confiança por seu trabalho.

A mesma linha de pensamento é adotada pelo sujeito 4 ao se referir sobre a inicial resistência ao se receber informações de uma mulher. Para ele, o público pode desconfiar em um primeiro momento, mas, se a profissional for bem informada, a credibilidade será facilmente construída com o passar do tempo. Dessa forma, ser homem ou mulher será indiferente aos ouvintes. No entanto, o entrevistado 8 reforça que o fato de ser mulher – ou seja, minoria – poderá contribuir para que ela conquiste uma credibilidade maior que a do homem. Para ele, é essencial que, ao falar no microfone, a radialista passe confiança ao público e, apesar do impacto inicial, com pensamento lógico, voz adequada e conhecimento, seus comentários, mesmo que mais técnicos, serão assimilados com naturalidade.

Um ponto importante, destacado pelo entrevistado 6, é a diferença com a qual a mulher faz as perguntas e relata o que está vendo. Para ele, essa peculiaridade faz com que a presença feminina conquiste seu espaço e a confiança do ouvinte. Facilita, inclusive, na hora de entrevistar jogadores e dirigentes, pois eles se sentem mais à vontade e até mais “dóceis” para responder às perguntas feitas por alguém do sexo oposto. Já a mulher exercendo uma função que exija mais aprofundamento técnico sobre o futebol, como o comentário, causaria surpresa, pois é algo inerente do ser humano se surpreender com novidades. Contudo, para o sujeito 6, após o impacto, aquilo se tornaria algo rotineiro para o público com o passar do tempo. Nesse ponto, dependeria apenas da mulher conquistar o respeito da audiência e mostrar a qualidade do seu trabalho.

Esse período de “adaptação” do público com a mulher atuando no rádio esportivo está cada vez menor. Isso porque a presença feminina no comando de programas esportivos na televisão aumentou significativamente nos últimos anos. Segundo o entrevistado 9, a sociedade como um todo está assimilando melhor a presença da mulher no meio futebolístico, principalmente, em virtude da grande participação na TV. Para ele, isso serviu para “quebrar o gelo” e mostrar que a mulher também conhece e entende de futebol, embora, de uma forma mais opinativa, as mulheres ainda não tenham demonstrado seus conhecimentos.

Além desses quesitos levados em conta durante a transmissão, o entrevistado 3 reforça que, além da credibilidade da profissional, o público leva em conta a credibilidade da empresa onde ela trabalha. Segundo ele, a opinião e a análise do jogo são particulares, individuais, das quais se pode concordar ou discordar. No entanto, não haveria restrições de gênero, apenas a exigência de informações corretas e precisas, emoção – indispensável à transmissão esportiva – e competência para desempenhar suas funções.

Para quem precisou conquistar o respeito dos ouvintes e enfrentou o desafio com seriedade, a receptividade foi boa. De acordo com o entrevistado 7, o fato de assistir aos treinamentos e se interessar por táticas, fez com que o torcedor reconhecesse que ela estava ali porque realmente gostava de futebol e queria trabalhar com a editoria. Esse, segundo ela, foi um fator determinante para adquirir credibilidade. Para ela, as novas ferramentas de comunicação, como as redes sociais, permitem que se receba o *feedback* do público, incluindo os torcedores, dirigentes, jogadores e colegas de trabalho.

Já o entrevistado 8 tem uma maneira mais peculiar de analisar a receptividade dos ouvintes sobre a presença de uma mulher na equipe esportiva do rádio. Ele destaca que a participação feminina seria algo indiferente para os ouvintes, a menos, obviamente, que a mulher falasse algo muito errado durante a transmissão. Nessa circunstância, a reação poderia ser mais amplificada do que se fosse com um homem, mas, de modo geral, o público criaria empatia pela novidade. Segundo ele, impedir uma mulher de atuar na transmissão de uma partida de futebol seria o mesmo que negar ao homem a oportunidade de trabalhar em um jogo de futebol feminino.

A partir de todos os pontos de vista expressados pelos entrevistados, fica nítido que a maioria considera que a presença feminina causaria um impacto inicial na audiência, mas que, com competência e qualidade, seu trabalho independeria do fato de pertencer ao gênero feminino ou ao masculino. Uma análise interessante é considerar que no caso de uma mulher cometer um deslize ou repassar uma informação equivocada no exercício de sua função na equipe, isso acarretaria em uma cobrança muito maior para ela. Entretanto, se, conforme alguns entrevistados, o pensamento de que “mulher não entende de futebol” ainda sobrevive de alguma forma, o erro vindo de uma mulher não deveria ter menor repercussão do que vindo do homem – que, por si só, tem como característica entender mais do esporte que a mulher?

Detalhes como esse esclarecem que a mulher tem um grande desafio pela frente se quiser consolidar seu trabalho na editoria esportiva do rádio no interior. Enquanto muitas portas já foram abertas pelo meio televisivo, as emissoras radiofônicas ainda não compartilham dessa realidade. As principais rádios da capital do Rio Grande do Sul, por exemplo, não possuem mulheres na equipe esportiva. Como bem lembra o sujeito 8, o interior é, geralmente, um reflexo dos grandes centros e, por isso, para a difusão do trabalho feminino nesse meio é necessário o exemplo “vir de cima”.

Quem também corrobora essa afirmação é o entrevistado 1. Para ele, falta uma mulher “abrir a porta” e mostrar que existe espaço para a atuação feminina no radiojornalismo esportivo do interior. Por se observar a presença de homens em todo o meio futebolístico, a insegurança pode ter impedido as mulheres de tentar se inserir na área. Ele acredita que sempre faltou uma referência para que, a partir daí, as outras mulheres que têm interesse em trabalhar com o esporte percebessem que isso é possível e que é uma questão de aproveitar as oportunidades.

Quanto à receptividade por parte do público, apenas 11,11% dos entrevistados considera que o público seria indiferente à presença de uma mulher na equipe esportiva. A imagem 4: Gráfico sobre receptividade do público também mostra que 88,88% identificaram a receptividade como boa.

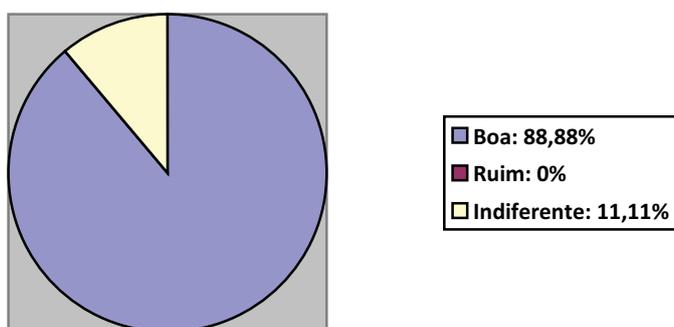


Imagem 4: Gráfico sobre receptividade do público

Já com relação à credibilidade da informação esportiva vinda de uma mulher, as respostas foram quase divididas, como ilustrado na imagem 5. Contudo, 55% dos entrevistados consideram que o fato de ser homem ou mulher não interfere na credibilidade da informação, em contrapartida aos 44,44% que admitiram a desconfiança inicial no trabalho das mulheres.

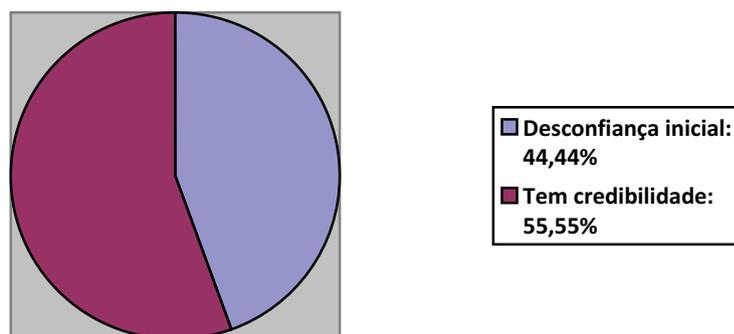


Imagem 5 – Gráfico sobre credibilidade da mulher

Fica evidente, portanto, que os entrevistados são quase unânimes ao afirmar que a receptividade do público ao trabalho feminino na equipe esportiva é boa. A mesma convicção, no entanto, não aparece na análise da credibilidade da profissional. Com uma diferença mínima, a credibilidade supera a desconfiança inicial, apontada por 44,44% como inevitável, tendo em vista o esporte em questão.

3.6. Análise complementar

Trabalhar em um meio de comunicação traz implicações, especialmente, porque os profissionais se tornam pessoas públicas, seu trabalho ganha visibilidade e, por isso, está suscetível tanto às críticas quanto aos elogios. Nesse contexto, nem sempre a receptividade do público é positiva, sendo, muitas vezes, o profissional confundido com o pessoal. Na imprensa, imagem e credibilidade são ferramentas indispensáveis de trabalho.

Levando em consideração os tópicos apresentados pelos entrevistados, especialmente, com relação aos fatores que norteiam a ausência feminina, percebe-se que a resistência à mulher no futebol ainda existe, seja no preconceito velado, seja no estranhamento inicial à sua presença nos gramados. Com isso, não é difícil compreender por que as mulheres, ainda que tenham interesse por futebol, preferem não se arriscar no exercício das funções na crônica esportiva.

Como destacado anteriormente, a presença da mulher no jornalismo como um todo cresceu consideravelmente nos últimos anos. Elas, em alguns casos, são maioria nas redações de jornais, TVs e rádios. Na televisão, comandam programas esportivos e integram, cada vez

mais, as equipes esportivas. Nos rádios, a participação ainda tímida, mas já reconhecida e valorizada no eixo Rio-São Paulo. Levando em conta as grandes conquistas obtidas no mercado de trabalho e considerando a estabilidade que as mulheres possuem nas atividades que desempenham, estariam elas dispostas a arriscar a credibilidade e a confiança adquiridas na profissão em prol de um terreno instável - como é o rádio esportivo – que exacerbaria qualquer erro e creditaria, inicialmente, sua competência ao gênero que possui? Que, ao mesmo tempo em que se mantém na programação desde os anos iniciais do rádio no país, ainda estabelece um campo pouco explorado pelo gênero feminino?

Possivelmente, oportunidades surgiram e não foram aproveitadas. Da mesma forma, a falta de iniciativa e de interesse deve ter existido – afinal, nem todas as mulheres se sentem aptas para atuar ou planejam seu crescimento profissional na editoria esportiva. O preconceito, inegavelmente, existiu no meio e, em uma análise mais aprofundada, segue imperando em algumas emissoras. Ainda assim, o grande desafio não está em conquistar a credibilidade diante do público, mas a confiança e o respeito dos coordenadores e colegas de equipe, que temem prejudicar a imagem da empresa por “ousar” com uma mulher na equipe esportiva.

Além disso, no caso da mulher, existe o conflito entre a vida pessoal e a vida profissional. Até algumas décadas atrás, o papel social da mulher era cuidar da casa, dos filhos, se encarregar dos afazeres domésticos. Cabia ao marido trabalhar e trazer o dinheiro para a manutenção da família. Hoje, tem-se um cenário totalmente diferente, no qual as mulheres também são economicamente ativas e precisam buscar uma vaga no mercado de trabalho para ajudar no orçamento da casa. Em nome dessas novas exigências, muitas acabam adiando a maternidade, isso quando não abrem mão dela.

Esse efeito fez com que as mulheres se incorporassem massivamente ao mercado de trabalho e, conseqüentemente, passassem a exercer funções que eram desempenhadas exclusivamente por homens. Para o entrevistado 3, esse é um processo de evolução do pensamento da sociedade e vem provando que as mulheres são tão ou mais competentes que os homens – inclusive, no rádio esportivo. Além disso, ele salienta que, cada vez mais, os casais conciliam a vida profissional com a pessoal e as tarefas caseiras, como fazer a comida e lavar a louça, podem ser tranquilamente divididas.

No que diz respeito ao foco na vida profissional, a entrevistada 7 ressalta que, mesmo trabalhando, a mulher precisa ser mãe, esposa ou namorada, e dona de casa. É necessário aprender a conciliar as múltiplas tarefas. Contudo, para dar seqüência a sua trajetória como

repórter esportiva, 7 explica que não se casou ou teve filhos, para dar total atenção à carreira, e que não sabe até que ponto isso influencia na construção de sua família. Essa atitude demonstra como a escolha profissional feminina está diretamente ligada às mudanças sociais que ocorreram no âmbito familiar.

Já no meio radiofônico, de acordo com o entrevistado 8, ainda se sustenta a preferência pela voz masculina, cultuando a tradição dos locutores. Contudo, ele defende que existe uma carência de vozes femininas no rádio, pois são poucas as mulheres que se expõe e/ou tem uma voz agradável. Em outros meios, por exemplo, como o impresso e a televisão, as mulheres são maioria, inclusive, trabalhando na editoria esportiva. Para 6, a comunicação não está mais ligada àquele modelo de rádio que costumava se ouvir nas décadas passadas e, por isso, é essencial que as emissoras saiam do trivial e apostem em algo novo, como a participação mais efetiva das mulheres. Ele argumenta que o maior empecilho para a consolidação da mulher nessa área passa pela falta de aposta e investimento na editoria esportiva, com relação às condições financeiras para dar suporte às profissionais nas coberturas e à questão da mulher viajar para as transmissões junto com outros homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol, já diziam, é paixão nacional. Em meio aos boatos de extinção do rádio AM, a transmissão esportiva surge como alicerce para o prosseguimento das emissoras devido a vários fatores, entre eles a rentabilidade e a audiência. Atualmente, existe uma carência de profissionais, de ambos os sexos, para trabalhar com o rádio esportivo, principalmente no interior do estado. A partir das respostas obtidas durante a pesquisa, um dos grandes empecilhos para a presença de mulheres nas equipes esportivas não seja o preconceito, a falta de iniciativa ou a escolha pela construção familiar, mas o receio por parte das emissoras em investir na capacitação das profissionais, em dar espaço para as novidades e o subsídio financeiro para o exercício das atividades.

Logicamente, não se pode negar que todos os fatores mencionados anteriormente, de forma complementar, contribuem para a tímida presença de mulheres no radiojornalismo esportivo. Em Passo Fundo, especificamente, o cenário não se altera. O preconceito e a descrença no conhecimento feminino sobre futebol podem acentuar a falta de condicionamento por parte dos veículos radiofônicos para as coberturas, uma vez que aparecem, implicitamente, na maioria das colocações. Ainda assim, a partir do relato de quem conseguiu superar todos os fatores adversos, estudar, se munir de informações e demonstrar profissionalismo no microfone são ingredientes fundamentais para quem tiver o atrevimento de tentar quebrar uma tradição de quase 70 anos de equipes esportivas formadas apenas por homens no rádio local.

Considera-se, contudo, a partir da presente pesquisa, que a falta de interesse e de iniciativa por parte das mulheres foi a principal causa da ausência delas nas equipes esportivas do rádio em Passo Fundo. Conforme os depoimentos registrados, o ambiente do futebol perdurou durante muitos anos como caracteristicamente masculino e não se tornava atrativo para o público feminino – a participação de mulheres na prática esportiva e nas arquibancadas dos estádios ainda é recente. O preconceito e a falta de oportunidade no meio também foram

elencados, mas em segundo plano, embora os entrevistados tenham ficado divididos sobre o fato de o preconceito ter sido determinante ou não. Indícios como a receptividade do público e a credibilidade da informação esportiva vinda de uma mulher foram consideradas positiva e existente, respectivamente. Além disso, questões como o espaço para a atuação feminina no rádio esportivo do interior foram pontuadas enquanto mudanças que já vem acontecendo em outros estados, mas que ainda não atingiram as grandes emissoras gaúchas. Nada que uma referência, que quebre o paradigma masculino, não seja capaz de resolver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Luciano. *Rádio Uirapuru: um fenômeno de audiência no segmento AM*. Monografia apresentada no curso de Jornalismo na Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo: UPF, 1999.

BARBEIRO, Heródoto. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: Fatos e Mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BRASILIENSE, Carmen Nilce da Silva. *Mulher na cobertura de esportes: Um estudo sobre a razão da supremacia dos homens na Editoria de Esportes e o aumento da participação de mulheres na cobertura esportiva*. Disponível em:
<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3011/1/20512982.pdf> Acessado em: 8 de abril de 2013.

BRAVO, Débora Vasconcellos Tavares. *Elas assumiram o comando: as mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo*. Disponível em:
<http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2009/deborabravo.pdf> Acessado em: 8 de abril de 2013.

FONSECA, José Henrique M. da. *O serviço de alto-falantes nas relações sócio-culturais com a comunidade de Passo Fundo*. Monografia apresentada no Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social na Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo: UPF, 1997.

FROZZA, Anelise. A presença da mulher na cobertura de futebol da RBS TV. Disponível em: http://esportefabico.files.wordpress.com/2010/11/anelise_frozza.pdf Acessado em 04 de abril de 2013.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNIOR, Álvaro Burafah. *Rádio na Internet: desafios e possibilidades*. Disponível em: <http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/artigos/47fe62227cb4c6660b44edae35cff075.pdf> Acessado em: 05 de novembro de 2012.

LOVISOLO, Hugo. *Jornalismo e esporte: linguagens e emoções*. Disponível em: http://www.unisuam.edu.br/corpus/pdf/Volume7n2/Artigo_1_volume7_n2.pdf Acessado em 24 de dezembro de 2012.

MENEGUEL, Yvonete Pedra & OLIVEIRA, Oseias de. *O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf> Acessado em 04 de abril de 2013.

PROVEZANO, Bruna & SANTUÁRIO, Marcos Emílio. *A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul*. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3847-1.pdf> Acessado em: 12 de novembro de 2012.

RAMOS, Ana Paula. *Elas comandam o jornalismo esportivo*. Disponível em: <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/midia/vintedicoes/decedicao/midia3.htm> Acessado em: 13 de abril de 2013.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SANTOS, César Augusto Azevedo dos. *Rádio Municipal: vítima de censura ou má gestão?*.

Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/4o-encontro-2006-1/RADIO%20MUNICIPAL.doc>. Acessado em: 04 de abril de 2013.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar: O rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.

UNZELTE, Celso. *Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão*. São Paulo: Saraiva, 2009.

ZAGO, Claudinei Cesar. *O discurso no radiojornalismo esportivo: estudo do comportamento do gênero editorial*. Dissertação de Mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2008, São Paulo. Disponível em:

www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../ClaudineiCesarZago.pdf Acessado em: 02 de janeiro de 2013.

ANEXOS

Anexo A - Questionário aplicado aos profissionais que atuaram ou atuam no rádio esportivo em Passo Fundo

- 1) Há quanto tempo você atua / Por quanto tempo atuou na editoria esportiva do rádio em Passo Fundo?
- 2) Nesse período, participou das transmissões esportivas exercendo qual função na equipe?
- 3) Na sua opinião, porque uma mulher nunca fez parte da equipe esportiva do rádio passo-fundense?
- 4) O preconceito pode ser considerado um fator determinante para essa situação?
- 5) No que diz respeito aos profissionais que atuam no rádio, a formação que eles possuem é satisfatória?
- 6) Em sua experiência como radialista, presenciou alguma vez a tentativa de inserção de uma mulher na editoria esportiva?
- 7) Como você observa a receptividade do público com relação a uma mulher participando da transmissão de uma partida de futebol?
- 8) Quando você fez parte / Fazendo parte da equipe esportiva da rádio, como você se sentiria ao realizar a transmissão de uma partida de futebol com a participação de uma mulher?
- 9) O que impede as mulheres de se inserem nessa editoria no radiojornalismo em Passo Fundo?
- 10) O rádio no interior tem espaço para a atuação feminina nas transmissões?
- 11) Você dá credibilidade para uma informação jornalística esportiva vinda de uma mulher?

- 12) Você receberia com naturalidade uma mulher opinando de forma técnica sobre futebol?
- 13) Como você percebe a saída das mulheres do ambiente familiar, dos afazeres domésticos e do “cuidar” da casa, para a inserção em um meio que até poucas décadas eram predominantemente masculino?

Anexo B - Questionário aplicado às profissionais que atuam no rádio esportivo na capital

- 1) Há quanto tempo trabalha com o radiojornalismo esportivo?
- 2) Como foi sua trajetória até chegar a essa editoria?
- 3) Participou da transmissão de alguma partida de futebol? Como foi?
- 4) O que lhe motivou a seguir por essa editoria?
- 5) Quais as principais dificuldades que enfrentou para se estabelecer em um meio que, durante muito tempo, teve, exclusivamente, a participação masculina?
- 6) Você acha que, em algum momento, foi vítima de preconceito?
- 7) Como foi a receptividade do público com relação ao seu trabalho?
- 8) Como você avalia o comportamento dos homens que atuam no radiojornalismo esportivo e dividem as transmissões com as mulheres?
- 9) Como você se preparou para participar das transmissões esportivas?
- 10) Como adquiriu o conhecimento técnico a respeito do esporte?
- 11) A participação das mulheres em transmissões esportivas no rádio cresceu bastante nos últimos anos, principalmente, nas capitais. Por que o interior do estado ainda tem uma participação tímida nesse crescimento?
- 12) Até algumas décadas atrás, as mulheres eram responsáveis por cuidar da casa e dos filhos. Hoje, elas ganharam espaço no mercado de trabalho. Como você vê essa relação social entre a construção familiar e o crescimento profissional?
- 13) O radiojornalismo esportivo é um mercado para o público feminino?
- 14) O que precisa mudar para que as mulheres ganhem mais espaço?